

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Matheus Barroso Mantel

A RELAÇÃO DAS ESCOLAS COM SEU ENTORNO COMO TEMA DE PESQUISA:

Balço bibliográfico e apontamentos para uma abordagem
geográfica

Rio de Janeiro

2021



Matheus Barroso Mantel

**A RELAÇÃO DAS ESCOLAS COM SEU ENTORNO COMO TEMA DE
PESQUISA:**

Balanco bibliográfico e apontamentos para uma abordagem geográfica

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Orientador (a) Professor (a) Pedro Bernardes
Pinheiro, M. e.

Rio de Janeiro

2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M292 Mantel, Matheus Barroso

A relação das escolas com seu entorno como tema de pesquisa: balanço bibliográfico e apontamentos para uma abordagem geográfica / Matheus Barroso Mantel. - Rio de Janeiro, 2021.

21 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientadora: Pedro Bernardes Pinheiro.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Escola. 3. Entorno social. I. Pinheiro, Pedro Bernardes. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Matheus Barroso Mantel

**A RELAÇÃO DAS ESCOLAS COM SEU ENTORNO COMO TEMA DE
PESQUISA:**

Balanco bibliográfico e apontamentos para uma abordagem geográfica

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Aprovado em: 29/09/2021.

Banca Examinadora:

Pedro Bernardes Pinheiro, M. e.

TPGE / CPII

Marcus Vinicius Gomes. M e.

TPGE / CPII

Vitor Scalercio, M.e.

TPGE / CPII

Lívia Souza Vargas, M a.

Dep Geografia/ CPII

Rio de Janeiro

2021

A RELAÇÃO DAS ESCOLAS COM SEU ENTORNO COMO TEMA DE PESQUISA: Balanço bibliográfico e apontamentos para uma abordagem geográfica

Matheus Barroso Mantel

Resumo: O presente artigo tem como motivação discutir as relações das escolas com o seu entorno enquanto tema de pesquisa de pertinente interesse acadêmico. Sua relevância reside na baixa atenção que é dada ao tema nos debates educacionais – justificando o caráter exploratório do estudo – e na capacidade compositiva de territórios educativos a partir de sua investigação. O objetivo, assim, é compreender o estado da arte bibliográfico do tema, permitindo identificar as categorias espaciais preponderantes e apontar as possíveis entradas para uma abordagem fundamentalmente geográfica destas relações. A metodologia se pauta em levantamentos de estudos relevantes sobre escola-entorno e na sistematização e análise de dados quanti-qualitativos sobre sua presença nos estudos brasileiros de geografia escolar. Os resultados apontam uma incidência significativa de estudos sobre o tema com uma concentração de produção sobre as escalas microlocais, uma grande diversidade de abordagens temáticas, discussões associadas e variadas origens de produção, mas uma ausência de protagonismo da ciência geográfica. Apesar de recente e ainda dispersa, a produção na área revela a pertinência do tema no debate educacional, a formação de um acúmulo de conhecimento sobre isso e a necessidade de articulação e convergência sobre o tema. Por fim, são feitos apontamentos para uma abordagem geográfica para essa discussão, destacando a espacialidade do tema em uma forma de pensar geográfica.

Palavras-chave: escola; entorno; geografia da educação.

THE RELATIONSHIP OF SCHOOLS AND THEIR SURROUNDINGS AS A RESEARCH TOPIC:

Bibliographic balance and notes for a geographical approach

Abstract: This article is motivated by enthusiasm for the relationship between schools and their surroundings as a topic of relevant research interest. His investigation is based on the theme in educational debates – and on the compositional capacity of educational territories from his investigation. The objective, therefore, is to understand the bibliographic state of the art, allowing the identification of possible preponderant spatial problems and pointing out possible approaches for a geographical approach to these geographical entries. The methodology is based on surveys of relevant studies on school-surroundings and systematization and analysis of quantitative-qualitative data on its presence in Brazilian school geography. They refer to a significance of the results of studies on the subject with a concentration of production on micro-local scales, a great diversity of approaches from thematic origins, associated and associated with geographic regions, but one of protagonism of geographic science. Despite being recent and still dispersed, the area reveals the relevance of the theme in the educational debate, the formation of knowledge about it and the need for articulation and convergence on the theme. Finally, notes are made for a geographical approach to this discussion, highlighting the spatiality of the theme in a geographical way of thinking.

Keywords: school; surroundings; geography of education.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos do debate educacional e da geografia escolar, muito se escreveu sobre como a vivência escolar e o ensino-aprendizagem não se restringem aos limites físicos das unidades escolares. Também com grande atenção, estudos recentes têm se dedicado às diferenças e especificidades do funcionamento das escolas de acordo com sua situação geográfica. Assume-se, assim, a premissa comum de que a presença das unidades se faz sentir nas localidades em que estão inseridas, seja pela composição na paisagem ou pela imposição de ritmos e fluxos de seu cotidiano, no espaço vivido.

Pensando nessas constatações e problemáticas, o presente trabalho visa iluminar a relação das escolas com o seu entorno como um possível tema de pesquisa, capaz de contribuir com importantes desafios e discussões da educação e com potencial de revelar novas questões. Imaginar a maneira como a rotina de estudantes e profissionais de educação básica contribuem para a vida de um bairro, e vice-versa, motivou a pesquisa sobre o tema. Do ponto de vista geográfico, entende-se que a localização de um objeto como uma escola expressa não apenas uma marca fixa na paisagem, mas também uma gama de desdobramentos que são gerados reciprocamente com sua presença. É precisamente neste ponto que surge, aqui, o que chamamos ‘relação escola-entorno’, definindo nosso objeto de estudo.

Apesar da motivação relacionada às dinâmicas da vida cotidiana nas proximidades menos ou mais imediatas às unidades escolares, o início da investigação revelou algumas lacunas de pesquisa no que tange o tratamento deste tema. No que se refere ao papel da Geografia na condução desse debate, sob uma perspectiva do funcionamento das escolas e vivência escolar em contato com o espaço urbano que as circunda, acreditamos que uma abordagem focada nas relações espaciais poderia ser de grande contribuição. Por isso, faz-se necessário e oportuno delimitar o seguinte objetivo geral para este artigo: sistematizar a produção bibliográfica sobre o tema ‘escola-entorno’, para nos certificarmos de seu estado da arte. Com isso, são os objetivos específicos: (1) identificar as categorias espaciais preponderantes nesta relação; e (2) apontar suas possíveis entradas para uma abordagem fundamentalmente geográfica, a partir de categorias metodológicas espaciais.

Assim, busca-se responder às seguintes perguntas:

- a) A relação entre escola e entorno é um tema primário em áreas do conhecimento relativas à Geografia, Educação e correlatas?
- b) Quais as principais categorias temáticas e de abrangência geográfica associadas a esta relação?
- c) Que caminhos possíveis permitem a investigação dessa relação geograficamente?

Para respondê-las, a metodologia adotada é de pesquisa bibliográfica sistematizada, e está detalhada no item a seguir com o conjunto de métodos e técnicas empregados, bem como com os materiais e recursos utilizados. Antes de apresentá-los, no entanto, situamos o trabalho em seu lugar teórico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa se fundamenta e se vincula a um debate crescente nos últimos anos sobre as relações entre cidade e escola, no âmbito da Geografia da Educação (GdE¹), um campo ascendente no país, mas já relativamente consolidado em língua inglesa. Será traçado um breve panorama do acúmulo acadêmico recente de trabalhos com os quais esta

¹ Para fins de melhor fluidez do texto, assumiremos a abreviação “GdE” para nos referirmos à Geografia da Educação.

pesquisa busca diálogo, apontando também os diálogos que se desdobram a partir da abordagem aqui iniciada.

No final de 2019, foi publicado pela revista *Giramundo* o Dossiê “Geografia da Educação”, a primeira publicação totalmente dedicada ao tema no Brasil, que pode ser considerado um marco para o campo, como resultado de um esforço de iluminação e delineamento de um acúmulo acadêmico alcançado nos últimos anos. No artigo que abre a publicação, intitulado “Por que falar sobre Geografia da Educação?”, os autores Ênio Serra e Marcus Vinícius Gomes se dedicam a uma apresentação e defesa da GdE, traçando um panorama desde suas origens na geografia anglófona, passando pelas principais tendências de pesquisa, até um esforço de sistematização de um acúmulo difuso da atual produção acadêmica brasileira preocupada com questões referentes às implicações e dimensões espaciais da educação.

De acordo com os autores, as primeiras contribuições dessa natureza têm origens na Grã-Bretanha nas décadas de 1970 e 1980, em pesquisas sociológicas que consideravam o papel do espaço urbano no entendimento de certas dinâmicas educacionais. Apesar de não serem produções propriamente geográficas, se configura uma “virada espacial” em que o fator geográfico ganha relevo no debate educacional, criando ambiente fértil para o desenvolvimento da GdE como campo de pesquisa. Paralelamente, nos anos 1980, começam a surgir algumas pesquisas feitas por geógrafos, se debruçando sobre o tripé cidade-escola-entorno, que demarcam o início de um novo campo de interesse geográfico, ainda que de maneira mais tímida. Nos anos 1990, os trabalhos em GdE se avolumaram e, a partir dos anos 2000, pode-se dizer que a área passou a ser desenvolvida especialmente por geógrafos. Aqui, destacam-se obras fundamentais como: Bond; Matthews (1988), Brock (1992, 2016) e Taylor (2011). Neste momento, a Geografia da Educação passa a ser alçada ao lado de campos de estudos educacionais consolidados como “Sociologia da Educação”, “Antropologia da Educação” e “História da Educação”.

Apesar da preponderância de uma bibliografia na língua inglesa, Serra; Gomes (2019) apontam a atual densidade alcançada na hispanofonia e lusofonia (principalmente no Brasil). Apesar de ainda ocupar um lugar periférico no debate acadêmico, notado pela ausência de publicações especializadas ou de redes de pesquisa/pesquisadores dedicadas especialmente ao campo, o número crescente de trabalhos nos últimos dez anos evidencia que a dimensão espacial da educação tem sido um recorrente objeto de preocupação, indicando a emergência e solidificação de uma GdE brasileira, com acúmulos notáveis a respeito de dois temas gerais: a espacialidade das políticas educacionais e maneiras distintas de examinar o espaço escolar (SERRA et al., 2017; GIROTTO, 2016, 2018; MARQUES, 2007; GOMES, M.V. 2013; ROSA, 2014; PANUTTO, STRAFORINI, 2014; SILVA, 2016).

Por fim, Serra; Gomes (2019) apontam uma definição ampliada da GdE sintetizando-a como um campo da Geografia, em interface com a Educação, que abarca um arco variável de pesquisas em torno de uma questão geral: questionar o papel da espacialidade nas questões educacionais. Apontam ainda a possibilidade de compreender uma geografia da educação enquanto fenômeno, referente às implicações espaciais das políticas educacionais e razões geográficas responsáveis pelas variações dos resultados educacionais.

Ainda no Dossiê “Geografia da Educação”, Lenon Suhett (2019) propõe um debate geográfico sobre a relação escola-entorno. O autor apresenta que as primeiras menções a este tema se referem a relatórios governamentais nos Estados Unidos e Inglaterra, na década de 1960, que pretendiam analisar a eficiência escolar a partir de aspectos morais e comportamentais de alunos e suas famílias, de acordo com o respectivo perfil socioeconômico. Já na década de 1990, o componente espacial é encarado com maior complexidade, a partir da influência do sociólogo Pierre Bourdieu (1997) nos novos estudos

sobre a desigualdade escolar e a segregação socioespacial, derivados das reflexões do autor sobre o efeito do lugar.

Chegando à produção brasileira contemporânea, Suhett (2019) destaca os trabalhos desenvolvidos no campo da sociologia urbana, principalmente no âmbito do Observatório das Metrópoles, que relacionavam os baixos rendimentos escolares às localizações periféricas das respectivas escolas. Esse é um dos momentos em que a dimensão espacial assume maior protagonismo na compreensão do tema, a partir do conceito de ‘efeito-vizinhança’ (RIBEIRO, L. C. Q. et al, 2010b). Entretanto, Suhett (2019) argumenta que esses trabalhos, em geral, basearam-se em exames de fontes de dados externos, focados apenas no desempenho escolar como objeto de estudo. Diante desse cenário, aponta “um novo caminho investigativo, deslocando um olhar distanciado para um olhar mais ‘aproximado’, baseado desde o próprio espaço escolar” (p. 62). Defende que os trabalhos geográficos devem “privilegiar as práticas e dinâmicas elaboradas e/ou desenvolvidas dentro do espaço escolar, (...) os sujeitos diretamente envolvidos nas dinâmicas educacionais, dando voz aos atores do processo, valorizando projetos e iniciativas locais” (p. 59).

Assim, preocupado com os impactos do entorno urbano nas práticas educacionais desenvolvidas dentro do espaço escolar, Suhett (2019) abre espaço (sem abordá-lo) para um diálogo no sentido inverso, com foco nas consequências da presença das instituições escolares na dinâmica local do seu entorno. É nesta direção que localizamos nossa investigação, identificando uma possibilidade de debate a ser travado entre fenômenos e reflexões da educação e processos e acúmulos da geografia urbana, pois o fenômeno da relação escola-entorno não é aqui compreendido apenas a partir da sua dimensão educacional, mas também como um dos componentes definidores da lógica urbana – em consonância com o que preconizam os demais autores supracitados. Ou seja, na medida em que as escolas serão analisadas enquanto equipamentos urbanos que estabelecem usos, fluxos, ritmos e ocupações ao espaço urbano em que estão inseridas, para além de suas finalidades educacionais, se faz necessário discutir um aporte teórico que fundamente esta investigação no que se refere à compreensão do espaço urbano em escala local, do olhar geográfico enquanto forma de pensar e representar esse fenômeno.

Dito isso, a abordagem geral a que essa investigação será orientada se fundamenta na ideia e na Identidade da Geografia enquanto uma forma de pensar, defendida pelo professor Paulo César da Costa Gomes (2017). Ao se debruçar sobre esse conjunto de objetos, é a descrição orientada pela localização dos elementos, atenta aos vínculos e associações entre eles, buscando entender onde os fenômenos aparecem, relacionam-se e conectam-se, que nos possibilitará compreender a dinâmica local que se estabelece, bem como elucidar a trama locacional que se apresenta.

3 METODOLOGIA

Assumindo este referencial, a presente pesquisa adota uma metodologia de pesquisa híbrida (quanti-qualitativa) de cunho bibliográfico. Em consonância com as atuais técnicas de levantamento e sistematização de estudos em modo online, utiliza mecanismos de busca com o uso de termos-chave associados ao tema delimitado, além de apoio por um software de análise documental para, finalmente, se aplicar técnicas quantitativas de análise de dados – estes materiais e métodos estão detalhados mais adiante. As técnicas de análise de dados serviram à notação de frequência das categorias e conceitos associados à noção de escola-entorno, bem como da menção a unidades de abrangência geográfica que permitem identificar suas diferentes escalas de ação, como, por exemplo, bairro ou cidade. Já em caráter qualitativo, adotou-se a análise descritiva de resultados em interlocução com categorias de

análise concernentes à Identidade da Geografia, como o Quadro Geográfico (GOMES, P.C. 2017), explorando caminhos possíveis para o prosseguimento de pesquisas na área temática.

Realizou-se um levantamento de artigos científicos visando estabelecer um panorama do interesse e do acúmulo acadêmico produzido sobre a relação escola-entorno. Partindo de alguns apontamentos da Geografia da Educação (GdE), o levantamento pretendeu abarcar a produção sobre o tema de maneira mais ampla, sem foco preferencial em uma disciplina específica. Foram contemplados trabalhos desde as cidades e o espaço urbano como um todo, passando pelas várias possibilidades de estudos e propostas educacionais, até as diferentes acepções possíveis de compreensão desse entorno da escola. Foram realizadas seis buscas por palavras-chave no Portal de periódicos da CAPES, combinando o termo *escola* aos termos: *cidade*, *bairro*, *favela*, *vizinhança*, *entorno* e *comunidade*.

A escolha destes termos não se deu de maneira arbitrária. *Cidade*, *bairro* e *entorno* se justificam por um acúmulo já alcançado no âmbito da GdE, em que estes termos já se consolidam como vocabulário corrente e temas de interesse, principalmente no debate cidade-educação. *Favela* e *vizinhança* derivam de pesquisas da Sociologia da Educação, notadamente aquelas lideradas pelo Observatório das Metrôpoles no Brasil, em que se analisava o desempenho de escolas localizadas em favelas, apontando para o *efeito vizinhança* como fenômeno explicativo (CHRISTOVÃO, 2009) *Comunidade* entrou nas buscas em um segundo momento, após se verificar uma constante ocorrência deste nos trabalhos levantados a partir dos outros termos, indicando que esta poderia ser uma palavra-chave que inicialmente estava fora de nosso horizonte.

Os resultados das buscas somaram-se na casa das dezenas de milhares. Por esse motivo, foram levantados os cinquenta primeiros resultados de cada busca, ordenados segundo o critério de relevância da plataforma, totalizando uma amostra de cerca de 300 trabalhos. Esse levantamento foi operacionalizado a partir do software *Zotero*, em que o arquivamento do trabalho encontrado é realizado direto do navegador de Internet para a interface do programa, sistematizando informações como título, autores, ano de publicação, resumo e link, de maneira automática. Para cada um dos 50 resultados de cada busca, foi realizada uma seleção manual orientada ao interesse específico da pesquisa (relação escola-entorno), a partir da leitura do título e do resumo, identificando os trabalhos que de fato se referiam à relação mais diretamente da escola para o entorno. Dessa forma, chegamos ao número de 75 artigos de periódicos, que foram exportados do *Zotero* para o programa *Excel* para a efetiva análise dos resultados, excluindo também as repetições e os trabalhos de outra natureza que foram resultantes da busca (dissertações, teses e livros).

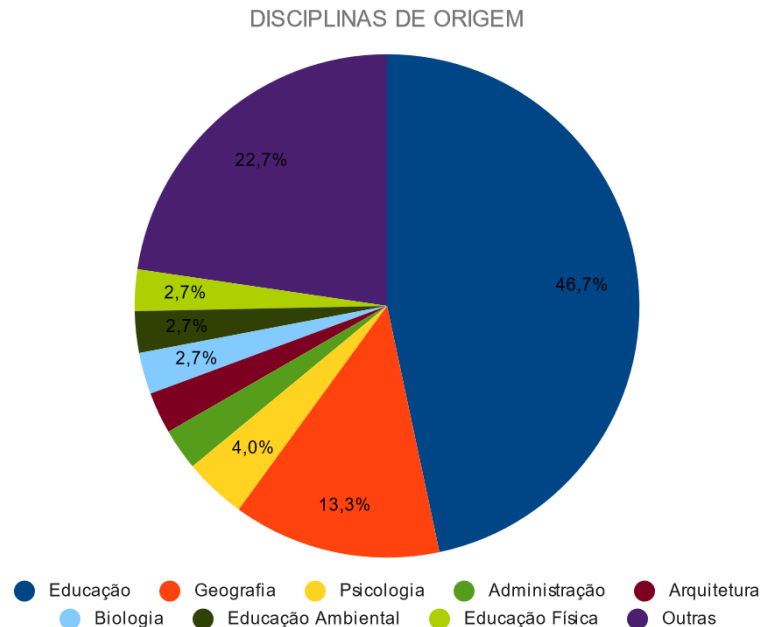
Na tabela de consolidação dos resultados, cada artigo está disposto em uma linha, constando nas colunas informações como título, autores, ano de publicação e termo de busca. Além disso, mais cinco colunas foram incluídas para a efetiva análise do material: ‘disciplina de origem’, ‘instituição de produção’, ‘local’, ‘tema’ e ‘conceito de entorno’. Essas categorias foram preenchidas manualmente a partir de uma leitura mais atenta do resumo, a partir de um esforço de síntese em torno do tema do artigo e do conceito de *entorno* que estava sendo empregado. Eventualmente, realizou-se buscas online para a aquisição de informações complementares sobre os trabalhos, principalmente para os dados de ‘disciplina de origem’ e ‘instituição de produção’.

4 O QUE O LEVANTAMENTO NOS DIZ

A quantificação e agrupamento dos resultados nos oferece algumas informações. Em relação às disciplinas de origem dos trabalhos (Gráfico 1), 46% são do campo da Educação, seguida pela disciplina geográfica, representando 13% das origens dos trabalhos. Apesar de não ser majoritária, essa porcentagem é significativa, pois indica a vinculação do tema com

a Geografia e que há significativo interesse de pesquisa. Além disso, destacam-se os 22% de trabalhos advindos de outras disciplinas (em que ocorreu apenas um trabalho por disciplina). Essa grande expressão revela a diversidade de origens e abordagens possíveis e praticadas para este tema.

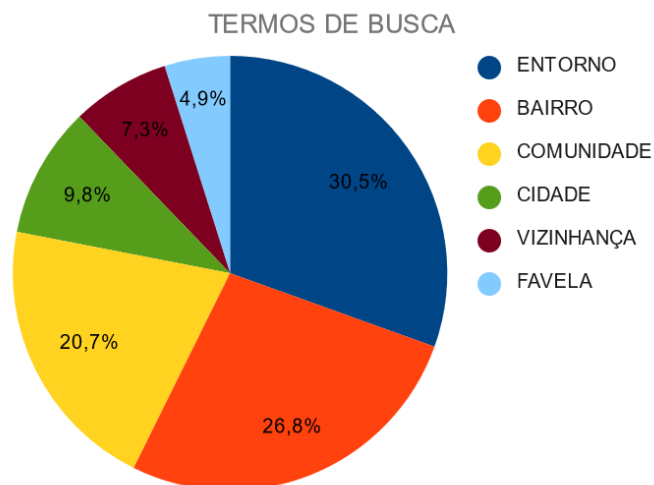
Gráfico 1 – Disciplinas de Origem



Fonte: Portal periódicos CAPES e elaboração própria

Em relação aos termos de busca, *Entorno* foi o que entregou a maior porcentagem de trabalhos referentes ao tema de interesse (30,5%), indicando o uso pertinente do termo ao abordar essa questão. É um termo que se refere ao espaço circundante da escola de maneira mais imediata, mas que não tem seus limites ou características muito bem definidas. Surge a questão sobre a necessidade de uma conceituação para este termo. *Bairro* entregou a segunda maior porcentagem de resultados (26,8%), indicando um uso significativo deste recorte espacial ao tratar o tema. Neste caso, o limite espacial é melhor definido e os trabalhos parecem considerar a escola como parte integrante da composição do bairro. O resultado expressivo do termo *Comunidade* (20,7%) foi uma interessante surpresa. Inicialmente, este termo não estava relacionado para as buscas, mas foi incluído após aparecer com importância nos resultados das outras buscas e entregando trabalhos bem próximos do tema investigado. O uso do termo tem uma dimensão espacial enfraquecida, dando mais importância a aspectos sociológicos de identidade e colaboração. Há também usos bem específicos em torno das noções de “Comunidades Educativas” e “Comunidades de Aprendizagens”, advindas de trabalhos de Portugal e Espanha. São noções semelhantes que dizem respeito a uma ampliação dos processos educativos e de aprendizagens, para além das escolas, formando comunidades em torno disso. Surge a questão de como seria a espacialização desses fenômenos, ou que imagens se revelariam dos registros espaciais desses processos.

Gráfico 2 – Termos de Busca



Fonte: Portal periódicos CAPES e elaboração própria

Cidade (9,8%), *Vizinhança* (7,3%) e *Favela* (4,9%) tiveram menor expressão na entrega de trabalhos referentes ao tema específico (Gráfico 2). Os trabalhos encontrados na busca pelo termo *Cidade* versavam sobre a presença das instituições escolares na lógica urbana, em alguns casos até de logística e trânsito urbano. Além disso, os resultados desta busca indicam que a questão da relação das escolas com o entorno realmente é referente a uma escala local, de interações mais diretas e referentes ao cotidiano. *Vizinhança* se mostrou um termo de uso mais genérico, sem densidade conceitual. Em grande parte dos resultados, a menção ao termo nos trabalhos servia como simples menção, sem uma preocupação maior ou foco de interesse.

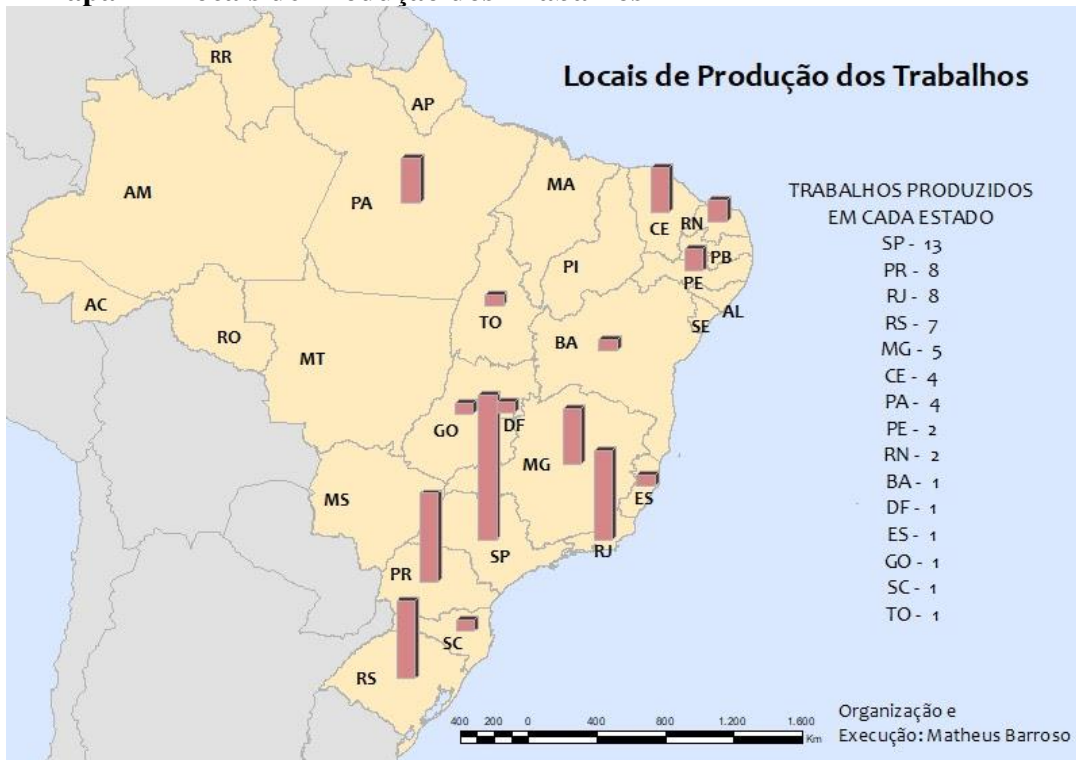
Favela, por sua vez, entregou resultados diferentes do esperado. Este termo foi incluído nas buscas em função do acúmulo de trabalhos produzidos na sociologia urbana. Entretanto, para além deste núcleo de produção e alguns outros trabalhos, no geral a produção que se viu se referia a experiências educacionais nestes territórios, focando nas consequências sociológicas de vulnerabilidade, sem refletir sobre as relações espaciais, impactos e especificidades dessas experiências naqueles espaços, como os trabalhos “Geração e classe social na análise de culturas infantis: marcas de alteridade e desigualdade”, de Deise Arenhart (2015)² e “Agência colaborativa na gestão educacional: Um objeto conjunto para a transformação da escola e da comunidade” de Monica Lemos (2017)³.

Sobre os Locais de produção dos trabalhos, foi desenvolvido o mapa abaixo (Mapa 1) para representar os resultados. Podemos ver que há uma concentração da produção na região centro-sul do país, com destaque para o estado de São Paulo sendo responsável pelo maior número de trabalhos. Além disso, há uma considerável presença dos estados da região nordeste neste debate, com destaque para o estado do Ceará. O Pará aparece como representante único da região norte. A dispersão da produção desses trabalhos parece repetir o padrão desigual e concentrador da produção científica no país.

² ARENHART, Deise. Geração e classe social na análise de culturas infantis: marcas de alteridade e desigualdade. ZERO-A-SEIS, v. 17 n. 32, p. 193-209, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2015n31p193>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2015n31p193>. Acesso em 14 de set. 2021

³ EMOS, M. Agência colaborativa na gestão educacional: Um objeto conjunto para a transformação da escola e da comunidade. RAE-Revista de Administração de Empresas, [S. l.], v. 57, n. 6, p. 555–566, 2017. DOI: 10.1590/S0034-759020170604. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/72493>. Acesso em: 14 set. 2021

Mapa 1 – Locais de Produção dos Trabalhos



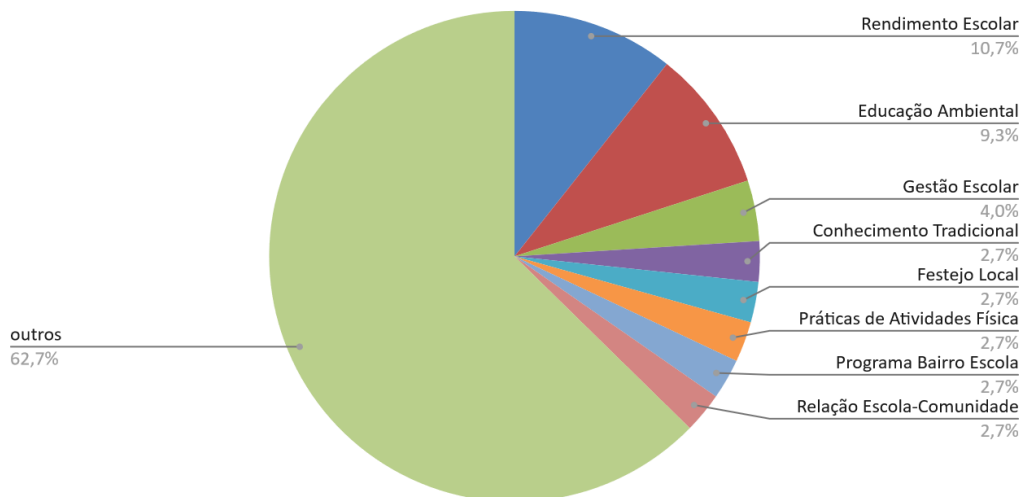
Fonte: IBGE, Portal periódicos CAPES e elaboração própria.

Além disso, foram encontrados alguns trabalhos de origem estrangeira, que constavam no Portal CAPES por compartilharem a língua, como o caso dos trabalhos de origem portuguesa, ou por serem publicados em revistas bilíngues. No total, foram encontrados oito trabalhos produzidos em Portugal, 3 nos Estados Unidos e um na Finlândia, Espanha e Colômbia, respectivamente. Apesar dessa ocorrência residual, é um indício de que este é um tema também trabalhado fora do país.

Os trabalhos levantados também foram agrupados por Abordagem Temática, ou seja, a partir de quais temas a relação escola-entorno estava sendo tratada.

Gráfico 3 – Abordagem Temática

Abordagem Temática



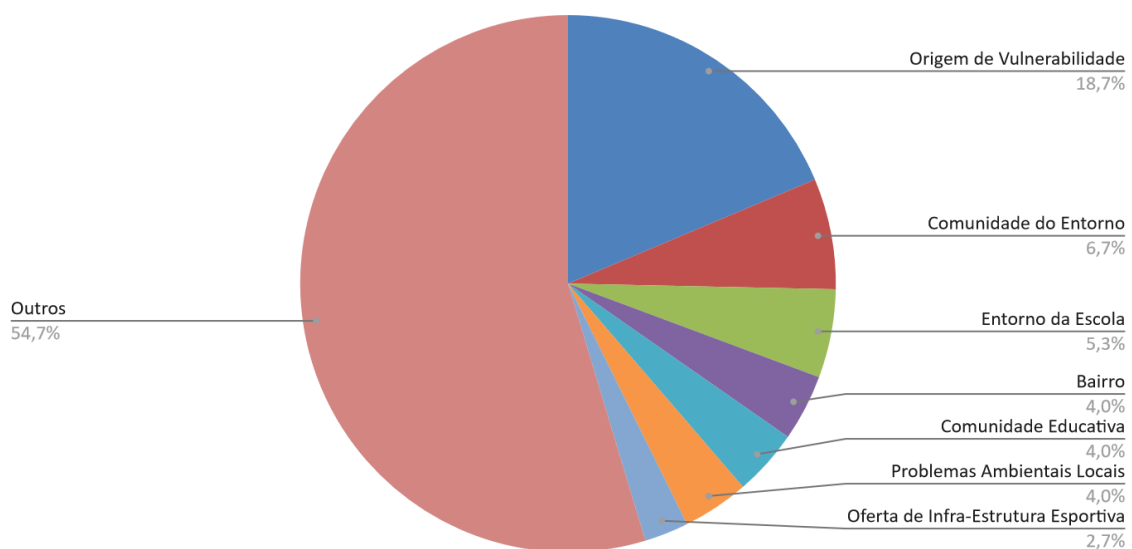
Fonte: Portal periódicos CAPES e elaboração própria

O primeiro destaque vai para a enorme parcela de temas que só apareceram uma única vez (62,7%, no Gráfico 3). Mais uma vez, fica evidente a pluralidade de discussões que são travadas a partir do binômio escola-entorno. Em seguida, há uma considerável presença da questão do Rendimento Escolar neste debate (10,7%). Este número reflete a importância que é dada a essa discussão quando se pensa a situação espacial da escola. Todos eles vêm do campo da educação, mas apresentam certa diversidade nas questões levantadas e aos objetivos dos trabalhos. Há alguns que discutem os fatores que levam ao fracasso escolar, ou que representam desafios à aprendizagem; outros que discutem os motivos explicativos do sucesso de escolas de origem de vulnerabilidade. De qualquer forma, essa diversidade indica a amplitude e importância dessa questão como foco de investigação. O relevante número de trabalhos sobre Educação Ambiental (9,3%) foi uma revelação que não estava presente no horizonte de hipóteses, ampliando o leque de temas quando se pensa escola e entorno. Em sua maioria, são trabalhos que consistem em propostas pedagógicas ou a discussões teóricas sobre a aplicação da Educação Ambiental voltada para os problemas ambientais dos entornos das escolas. Há uma relevante coesão discursiva e operacional entre os trabalhos, sugerindo a existência de um eixo de produção de conhecimento (a ser melhor delineado e consolidado) que aborda a relação escola-entorno a partir da temática ambiental.

O Conceito de Entorno (Gráfico 4) foi extraído a partir de uma síntese da leitura dos resumos de todos os trabalhos a fim de entender como o entorno da escola estava sendo pensado nessas produções. Mais uma vez, destaca-se a enorme quantidade de conceituações que apareceram apenas uma vez (54,7%). Há um padrão nessa difusão de abordagens e compreensões, evidenciando a multiplicidade de discussões que passam pela relação escola e entorno, indicando a pertinência deste tema como preocupação acadêmica e de reflexão educacional e gestão escolar. Por outro lado, essa grande diversidade de acepções aponta para a ausência e necessidade de um esforço de conceituação desse entorno escolar. Além disso, se revela o desafio que é convergir e articular essa produção em um acúmulo de conhecimento coerente e conciso.

Gráfico 4 – Conceito de Entorno

Conceito de Entorno



Fonte: Portal periódicos CAPES e Elaboração Própria

Em 18,7% dos trabalhos, o entorno foi tratado enquanto Origem de Vulnerabilidade. Este é um resultado que corresponde às abordagens pelo Rendimento Escolar, discutidas

anteriormente. Além da evidente importância que é dada a essa discussão, vale refletir sobre o risco de determinismo presente nesse debate do rendimento escolar em função da origem de vulnerabilidade. Em seguida, em 6,7% dos trabalhos a conceituação empregada é de Comunidade do Entorno, mobilizada em discussões sobre a relação escola-entorno propriamente dita.

6 APONTAMENTOS PARA UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DA RELAÇÃO ESCOLA-ENTORNO

A partir do que foi discutido anteriormente, constatamos que há uma considerável produção acadêmica sobre a relação das escolas com seu entorno, mas constituindo um acúmulo ainda disperso deste debate. O interesse é nítido, mas os esforços não estão articulados e dialogando entre si. É possível dizer que o binômio escola-entorno é um tema de pesquisa pertinente na reflexão educacional e acadêmica de modo mais geral, mas que carece de mais atenção e consistência em sua abordagem. Nesse sentido, a Geografia parece ter um grande potencial nesse processo. Tem uma presença significativa neste debate, mas suas contribuições ainda não parecem ser proporcionais à importância que a dimensão espacial ocupa no tema. Nos dedicaremos aqui a apontar algumas possibilidades para construir uma abordagem geográfica para o tema, fundamentadas em recentes discussões e proposições travadas pelo Professor Paulo Cesar da Costa GOMES em (2013) e (2017).

A questão da identidade da geografia está presente neste trabalho desde a motivação para o tema. Há uma considerável produção a respeito da relação das escolas com o entorno urbano, principalmente nos campos da educação e da sociologia urbana, com grande foco na relação entre vizinhança vulnerável e o desempenho escolar. Entretanto, falta protagonismo da geografia explorando essa questão. Nesse sentido, este trabalho reflete a partir da seguinte inquietação: como abordar geograficamente a relação das escolas com o entorno? Qual seria a identidade do fazer geográfico para além das dualidades que sempre marcaram a disciplina - sociedade/natureza; homem/meio; física/humana? O desafio parece apontar para uma tentativa de identificar e analisar as espacialidades envolvidas nessa questão.

Uma das principais preocupações da ciência geográfica é o estudo da dispersão: Como se distribuem os objetos e fenômenos e por quê? O levantamento da localização dos objetos e fenômenos como procedimento inicial de análise tornou-se um marco do fazer geográfico, num esforço que consiste em preencher um quadro antes de prosseguir à análise. Dessa forma, o primeiro foco de atenção de uma reflexão essencialmente geográfica deve se dirigir às localizações dos objetos da área de estudo: as escolas, seus entornos, equipamentos urbanos, logradouros, espaços públicos, estabelecimentos de serviço e comércio, meios de transporte e demais pontos de referência. É preciso, como primeiro passo, encontrar a localização das coisas. Conhecer e representar a área que vai ser estudada. Obter a localização das escolas e as posições ao seu entorno, para que se possa pensar essa situação - posição em que está situada, seu contexto, em relação ao que a circunda. Sistematizar a trama locacional em relação ao contexto em que está inserida, para pensar as razões que estabelecem essas posições. Esse primeiro itinerário marca a operacionalização de um raciocínio geográfico, perseguindo as localizações a fim de criar imagens para pensar.

Passando para a dimensão empírica de uma investigação sobre escola-entorno, destacamos a Observação Geográfica como procedimento de levantamento de dados. Enquanto procedimento científico, esta não pode ser desempenhada como um ato corriqueiro do cotidiano, operando um olhar desatento. Deve ser problematizada e justificada metodologicamente. Se diferencia no seu foco em estabelecer relações espaciais entre as coisas e fenômenos que estão sendo observadas. Nesse sentido, três noções do olhar geográfico têm grande importância para orientar a operacionalização da observação e que

aqui estamos assumindo como categorias de análise: Ponto de Vista, Composição e Exposição (GOMES, P.C. 2013).

A discussão em torno da noção de Ponto de Vista tem uma grande importância em reconhecer a parcialidade da observação realizada. Não é possível observar tudo ao mesmo tempo. Todo olhar parte de uma posição, uma direção e um enquadramento.

(...) ocupando aquele ponto, ou seja, naquela posição, podemos ver algo que não veríamos se estivéssemos situados em outra posição qualquer. A expressão estabelece, portanto, uma relação direta entre o observador e aquilo que está sendo observado. Essa relação se estabelece por um jogo de posições, é a situação espacial que permite ao observador ver algo que se outro lugar não seria visível para ele da mesma forma. O ponto de vista é um dispositivo espacial (posicional) que nos consente ver certas coisas. (GOMES, P.C. 2013. p. 19)

Aqui é feita também uma definição a partir do objeto de estudo. Que aspectos dessa relação escola-entorno pretende-se observar? Seriam os impactos do entorno na dinâmica escolar, ou num sentido oposto, os efeitos das escolas na vizinhança? A depender da resposta, a observação deve se posicionar em pontos diferentes, mirando e enquadrando objetos e fenômenos específicos. Ou seja, essa escolha deve ser feita e devidamente justificada. Discutir e justificar isso metodologicamente permite situar a observação e comunicar ao interlocutor de onde se está partindo e como foi definido o que fica dentro e o que fica fora da observação. É necessário assumir uma posição, explicitar o recorte que é feito e justificar essa escolha. Não é possível observar tudo, então uma escolha de posição e direção da observação deve ser feita. Discutir e justificar isso metodologicamente permite medir a parcialidade do procedimento e comunicar ao interlocutor de onde se está partindo.

Composição remete à ideia de um sistema de posições, de que as coisas funcionam em conjunto, que estão unidas pelas posições que elas assumem nesse conjunto.

A forma de dispersão desses dados que, integrados, dão origem a um novo elemento corresponde à sua espacialidade. Essa espacialidade, ou esse “padrão de dispersão”, é a marca de uma composição. Onde figura cada elemento nessa composição? Essa é a pergunta essencial. Uma paisagem é constituída de inúmeros aspectos, mas como eles são combinados, em que proporção, distância e situação? Isso significa que composição é um jogo de posições relativas, de coisas que estão dispersas sobre um mesmo plano. A ordem espacial dessa dispersão é um constituinte. Essa é, aliás, a raiz etimológica da palavra. Assim, analisar uma composição é compreender sua espacialidade, o lugar dos elementos nesse conjunto. (GOMES, P.C. 2013. p. 22)

Dada a natureza do tema de estudo (relação escola-entorno), é fundamental realizar a observação nessa perspectiva sistêmica. Pensados dessa forma, escola e entorno interagem em dualidade e suas dinâmicas se dão na interação. São dois elementos que pensados de maneira associada enquanto objeto de pesquisa, formam uma composição. E ao nos apropriarmos dessa ideia, é fundamental dar o devido foco aos jogos de posições e relações espaciais que se definem a partir e organizam esse conjunto. Pensar as posições de cada escola em relação aos pontos de referência de cada localidade – praças, meios de transporte, comércio, etc. Ou a localização de residência dos alunos. Que dinâmicas esse jogo de posições impõe à vida escolar e ao entorno? Quais fluxos e ritmos se definem a partir disso? Quais são os impactos (positivos ou negativos) dessa trama locacional para o processo de ensino e aprendizagem?

A terceira noção componente é a Exposição. Ela diz sobre a visibilidade do espaço, de uma posição que se apresenta para fora, de lugares que servem à exposição e que, portanto, têm sua visibilidade geograficamente estabelecida. Há lugares de visibilidade e outros não.

(...) trata-se de uma posição de exterioridade e isso tem implicações fundamentais. A primeira delas é que passamos a compreender as coisas segundo uma classificação que institui o que deve ser exibido e o que deve ser escondido. Dito de outra maneira: há uma delimitação que estabelece o que deve ser visto e o que não deve e isso é o resultado de uma classificação relacionada ao espaço, é uma questão de posição. Lugares de exposição são lugares de grande e legítima visibilidade. O que ali se coloca tem um comprometimento fundamental com a ideia de que deve ser visto, olhado, observado, apreciado, julgado. Isso também significa dizer que socialmente estabelecemos lugares onde essa visibilidade deve ser praticada, segundo complexas escalas de valores e significações. (...) É fácil perceber que, nas sociedades urbanas e democráticas, um lugar privilegiado de exposição são os espaços públicos. O atributo da visibilidade é, portanto, central na vida social moderna e se ativa e se exerce pela existência dos diferentes espaços públicos. Dessa maneira, as dinâmicas que afetam a visibilidade, aquilo que se exhibe, o público que observa, tudo isso deve ser reunido na compreensão da vida social. Essa constatação já poderia ser uma justificativa suficiente para a afirmação da relevância do olhar geográfico. (GOMES, P.C. 2013. p. 23)

Ou seja, ao desempenhar a observação em campo, é preciso estar atento a que lugares oferecem maior exposição, quais não. E que usos e atividades se desenvolvem (ou não) em função disso. O que a localização do edifício escolar diz em termos de visibilidade na construção da paisagem do local em que se insere? A escola é vista? E de dentro da escola, o lado de fora pode ser visto? E no que se refere aos hábitos dos alunos e funcionários no entorno da escola, nos horários de entrada e saída, quem é visto? De que forma e em que locais?

Após observar os fenômenos, é necessário registrar o que se viu, no sentido de produzir um ordenamento das informações. Documentar a observação num sentido lógico, de maneira que as informações possam ser acessadas novamente e estejam estruturadas de maneira coerente dentro dos objetivos da pesquisa. Isso é feito a partir da Descrição Geográfica,

(...) que não é a listagem exaustiva de tudo o que existe em um lugar, ou inventário desarticulado de tudo o que nos aparece. (...) a descrição da qual falamos é organizada segundo critérios. A descrição geográfica se uma ordem espacial, do que ali se encontra, não de tudo que ali está, mas somente de algumas variáveis previamente escolhidas. Tal qual em uma tabela, as colunas das variáveis que comparamos são escolhas, os valores que assumem nas diferentes posições das colunas são o material que pode nos surpreender. Reconheçamos, no entanto, que, diversamente de uma tabela, a descrição textual valoriza aspectos qualitativos, ou seja, como aquela variável se apresenta, não exatamente atribuindo um valor dentro de uma escala quantitativa, como é o comum nas tabelas. (GOMES, P.C. 2017. p. 121)

Registrar o que se viu, criar imagens para pensar sobre o objeto de reflexão. Nesse sentido, é importante pensar nos instrumentos que podem ser utilizados. Croquis são um potente recurso para registrar os padrões de fluxo e ocupação ao longo dos logradouros e espaços públicos. Fotografias e registros textuais têm grande potencial para descrever cenas e fenômenos mais qualitativos e efêmeros. Os mapas, por sua vez, podem assumir o lugar de síntese final, sobrepondo diferentes camadas de informação e gerando um resultado de grande riqueza. Com o uso dessa variedade de instrumentos, o objetivo desse procedimento é dar destaque às relações espaciais presentes no que é observado.

Todo o percurso descrito até aqui, do levantamento de campo por observação e descrição e representação dessas informações, chega na possibilidade de análises e correlações espaciais, proporcionando uma síntese final da investigação. Há aqui um raciocínio geográfico como fio condutor. Uma busca pela razão das localizações, pelas

imagens que revelam a forma de ser desses fenômenos. Trata-se de uma maneira de formular perguntas em busca de uma conectividade entre coisas que estão co-presentes em uma mesma localização. E daí a importância em descrever e representar. Produzir imagens que façam pensar. Dispor as informações em um quadro a partir das localizações. O que se propõe, em resumo, é elaborar um sistema de localizações para se pensar a relação escola-entorno. Um Quadro Geográfico que permita inferir relações e associações entre as coisas.

“O quadro geográfico, essa forma de pensar, não é uma propriedade dos geógrafos, uma ferramenta que nos pertence. É uma maneira de organizar o pensamento que coloca em prioridade o desenho, o traçado, quando consideramos a localização das coisas, pessoas e fenômenos. Por isso, em muitas outras disciplinas, o uso desses “quadros” pode ser atestado, das mais abstratas às mais concretas apresentações. Pretendemos afirmar que, sempre que esses quadros, fundados na localização, são usados como instrumentos do raciocínio, há nisso uma forma geográfica de pensar. Esperamos que, após o percurso realizado neste livro, nossos propósitos tenham sido assim compreendidos – A Geografia é também uma forma de pensar.” (GOMES, P.C. 2017. P 143)

Nesse sentido, o quadro, enquanto uma forma de pensar, é um grande mecanismo de convergência, articulação e síntese dos sistemas de informações produzidos. É fio condutor e resultado de todos os procedimentos metodológicos de levantamento e tratamento de dados que o precederam. E cumpre a função de principal dispositivo de apoio à reflexão e síntese final. Toma forma em grande parte nos mapas produzidos, mas também em tabelas, modelos e representações esquemáticas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, destacamos que o levantamento bibliográfico realizado revelou uma significativa quantidade de trabalhos abordando a relação escola-entorno, com importante participação da Educação, Geografia e áreas correlatas de produção acadêmica. Isso evidencia a pertinência da questão como tema de pesquisa e que é foco de interesse acadêmico. Que o termo *Entorno* é adequado e devidamente utilizado para se referir à área que circunda a escola e que interage com ela, de diversas formas. Há uma evidente diversidade de temas, abordagens e conceituações envolvida na produção sobre esse tema, mas ainda assim, alguns eixos temáticos convergem e apontam para acúmulos de conhecimento, principalmente sobre o rendimento escolar e educação ambiental. Dessa forma, pode-se concluir que o tema tem potencialidade para desdobramentos e contribuições na reflexão educacional e gestão escolar, mas que a discussão necessita de articulação em bases comuns para se consolidar.

Dessa forma, ao pensar uma possível abordagem geográfica para o tema, partimos da reflexão a respeito da identidade da geografia enquanto ciência, cujo foco é a espacialidade dos fenômenos, para pensar a relação escola-entorno. Propomos uma prática de pesquisa que se fundamente na forma geográfica de enunciar as questões sobre o tema, se perguntando sobre as localizações do problema e suas razões. Destacamos a Observação e Descrição Geográfica como formas de operacionalizar essas investigações, e o Quadro Geográfico como forma de pensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDI, Liz; MATTHEWS, Michael Hugh. **Education and Society: Studies in the Politics, Sociology and Geography of Education**. Londres / Nova Iorque: Routledge, 1988.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BORDIEU, P. (Coord.). **A Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-166.

BROCK, Colin. **The case for a geography of education**. Thesis (Ph.D.)-University of Hull, Kingston upon Hull, 1992.

BROCK, Colin. **Geography of Education**, scale, space and location in the study of education. Londres: Bloomsbury Academic, 2016.

CHRISTOVÃO, Ana Carolina. **A vizinhança importa: desigualdades e educação no Morro do Cantagalo-RJ**. 2009. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

DARBY, Henry C. **The Problem of Geographical Description**. Transactions, Institute of British Geographers, n. 30, pp. 1-14. 1962.

FERREIRA, Norma. **AS PESQUISAS DENOMINADAS “ESTADO DA ARTE”**. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, p. 257-272, 2002.

GIROTTI, Eduardo Donizetti. **A dimensão espacial da escola pública: leituras sobre a reorganização da rede estadual de São Paulo**. Revista Educação & Sociedade, v. 37, n. 137, p. 1121-1141, 2016.

GIROTTI, Eduardo Donizetti. **A geografia da e na escola: construindo novas agendas de pesquisa e de lutas**. Revista Estudos Geográficos, v. 16, n. 2, p. 156-175, 2018.

GOMES, Paulo Cesar. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996.

GOMES, Paulo Cesar. **O Lugar do Olhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013

GOMES, Paulo Cesar. **Quadros Geográficos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2017

GOMES, Marcus Vinicius S. **Para além dos muros da escola: caminhos para compreensão da educação na cidade**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, 2013.

GOMES, Marcus Vinicius S. **Para além dos muros da escola: a relação cidade-educação em debate**. Giramundo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 67-80, jul./dez. 2014.

GOMES, Marcus Vinicius S. **Geografias da Educação: em defesa de um subcampo e pela construção de um outro olhar para a educação escolar**. 205 f. Exame de Qualificação (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

GOMES, Marcus. Vinícius; SERRA, Enio. **Por que falar sobre Geografia da Educação?** Giramundo, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 7, 2019.

LATOUR, Bruno. **Amostragem do Solo da Floresta Amazônica.** In: Latour, Bruno. *A Esperança de Pandora.* Bauru: EDUSC. 2001

MARQUES, Roberto. **A escola numa perspectiva espacial.** 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

PANUTTO, Stéphanie Rodrigues; STRAFORINI, Rafael. **Microterritórios em escolas públicas:** (entre) discursos de alienação e subversão de jovens escolares. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 4, n. 3, p. 397-416, 2014.

ROSA, Isaac Gabriel G. F. **A Formação continuada de professores de geografia e o uso de geotecnologias:** o caso do projeto “escolas do amanhã” da rede municipal de educação do Rio de Janeiro/RJ. 276 f. Tese (Doutorado em Geografia) - PPGG, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

RIBEIRO, Luiz Cesar; KAZTMAN, Ruben. Introdução. In: Ribeiro, L.C.Q.; KAZTMAN, R. (Org.). **A cidade contra a Escola?** Segregação urbana e desigualdades escolares. Rio de Janeiro: Lera Capital / Observatório das Metrôpoles, 2010.

RIBEIRO, Luiz Cesar; KOSLINSKI, Mariane C.; ALVES, Fátima; LASMAR, Cristiane (Org.). **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares.** Rio de Janeiro: Letra Capital / Observatório das Metrôpoles, 2010.

SERRA, Enio; VENTURA, Jaqueline; ALVARENGA, Marcia; REGUERA, Emilio. **Interrogando o direito à educação: oferta e demanda por educação de jovens e adultos no estado do Rio de Janeiro.** *Revista Crítica Educativa*, v. 3, n. 3, p. 25-41, 2017.

SUHETT, Lenon. S. M. **Um debate geográfico sobre a relação escola-entorno na periferia.** Giramundo, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p.53, 2019.

TAYLOR, Chris. **Towards a geography of education. special issue: the disciplines of education in the UK:** confronting the crisis. In: LAWN, Martin; FURLONG, Johan. *The disciplines of education: their role in the future of education research.* London/New York: Routledge, 2011.

AGRADECIMENTOS

Pelo desenvolvimento e conclusão deste trabalho e desta especialização, tenho alguns muito justos agradecimentos a fazer. Primeiramente ao Colégio Pedro II e ao Curso de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar pela oportunidade de estudo, debates pertinentes e complementação da minha formação. Ao meu orientador Pedro Bernardes pela dedicação, orientação atenta e tolerância e sensibilidade com os percalços do processo. Ao meu co-orientador Marcus Vinícius, pelo incentivo e conselhos desde o primeiro papo sobre o interesse no tema, pela orientação atenta e soluções oferecidas. À incrível turma de colegas que acompanhou um ao outro no curso e que garantiu boa parte da potência dos debates e aprendizados. Ao querido Leonardo Muniz pelo apoio de mentoria no final. E ao querido Tiago Fonseca pelo incentivo, apoio e ajuda no final.

Sem tudo isso, a cada um da sua maneira, esse trabalho e conclusão desta especialização não seria possível.

Por tudo isso, muito obrigado!